



3º Encontro de Pesquisa
em Informação e Mediação

unesp



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA



EVENTO VIRTUAL
via YouTube
Google Meet
07 e 08 de junho
de 2021

III ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO (III EPIM)

MEDIAÇÃO DA LITERATURA POR MEIO DA VOZ

Rosemari Pereira dos Santos Alves - Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Oswaldo Francisco de Almeida Júnior - Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Sueli Bortolin - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O tema de interesse deste trabalho é a ação performática do mediador de leitura e o uso de sua voz como expressão de interação e comunicação entre os indivíduos. Conceitua e caracteriza literatura oral e os praticantes da voz, tecendo uma crítica a tradição que privilegia a cultura escrita se deslembrando da importância da oralidade. Discute o tema mediação e o papel do mediador, que está diretamente vinculada às necessidades do usuário. Aborda a mediação por meio da voz fundamentada na oralidade, sendo ela online ou offline, ponderando que a intervenção oral dos mediadores altera a necessidade informacional, a construção do conhecimento e a compreensão da informação pelo usuário. Considera que a linguagem oral apresenta mais recursos em termos de expressividade, mesmo advindo da *performance* e a vocalidade. Destaca que as tecnologias digitais ampliaram as possibilidades de escrita, imagem e oralidade proporcionando mesclagem de linguagens na formação de textos e já não se pode desconsiderar a multimodalidade, tratando a leitura e escrita apenas como decodificação da língua.

Palavras-chave: Mediação da Informação; Literatura Oral; Mediação Oral da Literatura.

MEDIATION OF LITERATURE BY VOICE

Abstract: The theme investigated by this paper regards the performatic action of the literature mediator and the use of voice as an expression of interation with communication between individuals. Defines and characterizes oral literature and the practitioners of voice, weaving a criticism on the tradition that favours the written culture, forgetting the importance of orality. Discusses the theme "mediation and the role of the mediator", which is directly tied to the user needs. Studies mediation through voice, grounded on orality, online or offline, considering how the oral intervention of mediators alters the informational need, the knowledge building and the comprehension of expressivity, even when it's originated from performance and vocality. Highlights digital technologies as amplifiers of the possibilities of reading and writing, enabling the merge of the languages in text formation, not for it's simple decodification, but considering it's multimodality.

Keywords: Information Mediation; Oral Literature; Oral Mediation of Literature.

MEDIACIÓN DE LITERATURA POR VOZ

Resumen: El tema que investiga este artículo se refiere a la acción performática del mediador literario y al uso de la voz como expresión de interacción con la comunicación entre individuos. Define y caracteriza la literatura oral y los practicantes de la voz, tejiendo una crítica sobre la tradición que favorece la cultura escrita, olvidando la importancia de la oralidad. Analiza el tema "la mediación y el

papel del mediador", que está directamente vinculado a las necesidades del usuario. Estudia la mediación por medio de la voz, fundamentada en la oralidad, online o offline, considerando cómo la intervención oral de los mediadores altera la necesidad informativa, la construcción de conocimientos y la comprensión de la expresividad, incluso cuando viene de la performance o la vocalidad. Destaca las tecnologías digitales como amplificadores de las posibilidades de lectura y escritura, permitiendo la fusión de los idiomas en la formación del texto, no por su simple decodificación, sino considerando su multimodalidad.

Palabras-Clave: Mediación de la Información; Literatura Oral; Mediación Oral de la Literatura.

1 INTRODUÇÃO

A comunicação em tempos remotos era realizada por intermédio da voz e de maneira presencial, mas seu alcance era limitado ao público fisicamente próximo do enunciador e a retenção da informação enunciada ficava comprometida, pois a palavra oral é efêmera, cabendo ao receptor memorizá-la após ouvir uma única vez. Isso também acontecia na propagação de diferentes textos como os religiosos e literários. Esse trabalho pretende discutir a mediação oral da literatura realizada *tetê-à-tetê* (presencialmente), bem como aquela que ocorre por meio dos recursos midiáticos.

Muitos profissionais têm dedicado seu tempo em demonstrar que é imprescindível mediar informação e literatura para os brasileiros. Nesse momento, em especial, são necessárias iniciativas nesse sentido, pois a desinformação é estimulada com naturalidade e sem ética, nas mais diversas instâncias sociais e políticas.

Acredita-se ser necessário criar projetos, intensificar campanhas e convencer os mediadores no sentido de acolher sujeitos que desejem se apropriar da diversidade cultural do país, mas que muitas vezes têm o acesso restringido por questões econômicas, ideológicas e sociais. Ou para aqueles que nem sabem que desejam e acreditam não ter direitos a ela, pois se encontram "mergulhados" em propostas culturais pasteurizadas que muitas vezes, além de não os representar, podem apartá-los de espaços públicos, isto é, empurrá-los cada vez mais para locais periféricos.

Nesse sentido, optar em fazer a mediação por meio da voz (*ao vivo* ou mediatizada) pode alcançar além dos leitores alfabetizados, saudáveis, reclusos, videntes, escolarizados; também os analfabetos, cegos, apenados ou trabalhadores braçais que não precisam interromper suas atividades no momento de se apropriarem de conteúdos diversos.

Este texto, de natureza essencialmente teórica, tem por objetivo refletir sobre a ação performática do mediador de leitura, do uso de sua voz como expressão de interação social e

interferência na comunicação entre os indivíduos, também sobre a diversidade de linguagens e gêneros textuais com os quais se convive diariamente nos mais variados contextos sociais.

Assim, essa comunicação está estruturada: com a presente Introdução; seção dois a Literatura Oral e os Praticantes da Voz; seção três a Mediação e os Mediadores, tendo ainda uma subseção intitulada Mediação por meio da voz; e seção quatro as Considerações Finais.

2 LITERATURA ORAL E OS PRATICANTES DA VOZ

O texto oral permaneceu por muito tempo fora da abordagem teórica dos estudos literários, cuja tradição privilegiava a escrita como a principal origem do texto artístico. O estudo da literatura oral era associado ao estudo do folclore e da cultura popular, ambos entendidos como frutos de uma expressão natural, desprovida do trabalho de aperfeiçoamento da arte letrada e erudita. Por este motivo, os estudiosos da poesia oral eram chamados de primitivos (ZUMTHOR, 2010). Tais estudos encontraram uma mudança de paradigma após o trabalho de Milman Parry, que, como relata Ong (1998), descobriu que a obra de Homero era fundada em uma tradição oral grega que era independente da escrita. Isso sensibilizou os pesquisadores de diferentes áreas a pensar de uma maneira diferente a psicodinâmica da tradição oral.

Ong (1998) chama a oralidade tradicional de *oralidade primária*. Ela se contrasta da oralidade pós-escrita, à qual ele se refere como *oralidade secundária*, pois toda a manifestação oral desta possui resíduos da escrita, seja na maneira de elaborar frases ou até mesmo na imagem mental da palavra grafada que se forma espontaneamente durante a fala. Na oralidade primária, a palavra é puro som, sem qualquer representação gráfica. Deste simples fato decorrem: a qualidade de poder e ação da voz, a importância de fórmulas mnemônicas, a predominância das conjunções aditivas, o discurso redundante agregativo e muitas outras peculiaridades destacadas por Ong (1998).

Quanto ao poder da voz, Ong (1998) esclarece que é impossível parar a voz no tempo para analisá-la, pois diferentemente de um filme que ao ser congelado resulta em uma foto estática (um *frame*), o som congelado resulta em silêncio. Portanto, a palavra falada não possui permanência. Devido a essa eventualidade, a propósito, a língua hebraica possui o mesmo vocábulo para *palavra* e para *evento* (que é o vocábulo *dabar*). Essa propriedade é fascinante na oralidade primária, provocando um misticismo em torno do poder da voz. Na oralidade secundária, tal fascínio desaparece porque, depois de proferida, a palavra imprime

uma representação gráfica na mente do ouvinte, perdendo sua eventualidade para receber certo grau de permanência.

Em relação às fórmulas mnemônicas, Ong (1998) as resume no ditado *you know what you can recall* (você sabe o que pode recordar). Quando anotações, livros e aparelhos eletrônicos estendem a capacidade de recordação, o conhecimento pode ser complexo. Porém, quando essa capacidade está restrita à mente humana, ele (o conhecimento) deve permanecer compreensível a fim de ser preservado, ou seja, mantido fora do alcance do esquecimento e disseminado para gerações futuras. Em termos mais simples, na ausência de tecnologia para gravar enunciações complicadas, é preciso se restringir a enunciações fáceis o suficiente para serem retidas pelo ouvinte no simples ato de ouvir.

Nas culturas letradas, as conclusões de uma longa reflexão podem ser registradas por escrito, com uma sequência de asserções lógicas que só precisam ser legíveis e gramaticalmente coerentes, ao contrário das culturas orais, nas quais o conhecimento é aquilo que pode ser lembrado e, portanto, tais conclusões não poderiam ser transmitidas por meio de um discurso longo e de difícil reprodução, mas, sim precisariam ser condensadas em uma única assertiva, ritmicamente balanceada para facilitar a recordação. É assim que surgiram os provérbios e ditados populares.

A predominância das conjunções aditivas, aquelas como o simples “e” que estabelecem uma ligação entre duas orações, aparece em contraposição à existência de conjunções subordinativas, aquelas como: *entretanto*, *visto que*, *assim* e outras que expressam relações mais complexas entre orações. Conectar orações com conjunções em diferentes graus de subordinação entre uma ideia e outra é um luxo do qual apenas as culturas letradas aproveitam. Isso pode ser facilmente testado em conversas casuais: o uso de muitas orações subordinadas soa como uma *palestra* ou uma *aula*, não como uma interação oral. Tanto a palestra quanto a aula podem, geralmente, ser transcritas *ipsis litteris* (palavra por palavra) e, ademais, provavelmente foram proferidas enquanto o orador imaginava a redação de um texto.

Quanto ao discurso redundante agregativo, como a literatura oral não era registrada, a aquisição e preservação do conhecimento se realizavam por meio da repetição. Assim, valores eram incorporados e as fórmulas mnemônicas anteriormente mencionadas ganhavam corpo. A principal consequência desse discurso é a falta de interesse em questionar e analisar os valores agregados. Em outras palavras, depois de investir tempo construindo a ideia de um

herói destemido, o poeta oral não deseja que questione sua coragem, pois isso faria com que todo o seu trabalho fosse em vão. Com isso em mente, ousamos afirmar que as culturas orais pertencem a sociedades tradicionalistas e conservadoras, ou seja, que resistem a mudanças.

Para Ong (1998) as culturas letradas, que se encontram na oralidade secundária, possuem uma verdadeira tecnologia, que é a escrita. Essa tecnologia transforma a palavra natural, que emana da voz, em uma palavra artificial, desumanizada e desprovida de vida. Essa tecnologia não só preserva a palavra para gerações futuras, mas também transforma a consciência humana, aliviando a memória para trabalhos mais elevados, mais reflexivos.

A oralidade secundária possui três fases históricas. A primeira começou com a própria invenção da escrita, consistindo na palavra manuscrita. Trata-se da cultura quirográfica, durante a qual a população letrada não era elevada, necessitando da figura de um orador para receber o conteúdo de textos (DARNTON, 1995). Desse modo, muitas pessoas ainda viviam na oralidade primária, enquanto apenas uma elite cultural tinha o privilégio de desfrutar da tecnologia da escrita.

A segunda fase começou com o fenômeno de impressão em papel, consistindo na palavra impressa. Trata-se da cultura tipográfica, que testemunhou um aumento no número de leitores e escritores, como confirma Darnton (1995). Portanto, durante essa fase, a oralidade primária entrou em um declínio acentuado.

Enfim, a terceira fase é a atual, na qual a palavra está renderizada na tela de um computador. Ong (1998) lembra que a escrita é uma tecnologia, uma fabricação artificial, não algo natural ao ser humano. Consequentemente, torna-se completamente estranha à psicodinâmica de uma cultura que não conhece a escrita.

Para o autor, em um texto “até mesmo as palavras carecem de suas qualidades plenamente fonéticas” (ONG, 1998, p.118) e a palavra falada “é sempre um acontecimento, um movimento no tempo, completamente desprovido do repouso coisificante da palavra escrita ou impressa” (ONG, 1998, p. 89). Além disso, antes da escrita, é como se houvesse grande movimento cerebral, uma espécie de oralidade silenciosa que precedesse a construção do texto.

A terminologia *literatura oral* foi criada oficialmente por Paul Sèbillot, em 1881, com a finalidade de definir as manifestações culturais transmitidas por processos não grafados. Desse modo, a literatura oral se manifesta, conforme Cascudo (2006), mediante um *corpus* amplo e variado transmitido pela voz.

Em terras brasileiras, o pesquisador de manifestações culturais orais de maior relevância foi Luís da Câmara Cascudo, que recolheu elementos da cultura popular, como: danças, cantos, mitos, lendas, parlendas, adivinhas, mnemonias, anedotas e causos. É possível conhecer a mentalidade popular do nosso país por meio da sua obra intitulada *Literatura oral no Brasil*.

Cascudo (2006) apresenta quatro características fundamentais da literatura oral: a antiguidade, uma vez que é impossível identificar a data de seu surgimento; a persistência, pois são transmitidas de geração para geração através dos séculos, onde são reformuladas, mas não esquecidas; o anonimato da autoria, o que a faz de todos e de ninguém; e a oralidade, voz do povo que tem sonoridade, entonação e ritmo, além dos gestos, importantes aliados que reforçam o significado da mensagem.

Tais recursos são denominados por Zumthor (2007) como elementos da *performance* que são executadas por diferentes atores sociais. Estudar a literatura que discute a oralidade, desde os medievalistas até os contemporâneos, nos possibilitou listar alguns *praticantes da voz*, entre eles: aedos; cançonetistas, cantadores, carpideiras, “castratos”, cantadores e contadores de histórias, contadores de causos, cordelistas, gondoleiros, *griôs/griots*, imbongis, menestréis, panegiristas, rapsodos, *rakugokas*, recitantes, repentistas, saltimbancos, satiristas, trovadores/bardos. Os atores sociais são também denominados mediadores e é este assunto que será abordado na próxima seção.

3 MEDIAÇÃO E MEDIADOR

Diante da popularização da internet a importância de um profissional capaz de selecionar e disseminar informações relevantes para um público específico não pode ser subestimada. Inúmeros são os gêneros de mediação, entre eles mediação musical, para saúde, jurídica, histórica, científica etc. Nesse trabalho o foco maior está na mediação da literatura. Almeida Júnior (2015b, p. 25) define mediação da informação como:

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Uma das dimensões do conceito de mediação, caracterizada pela inconsciência da atividade do mediador é a mediação intrínseca, no entanto há também a mediação extrínseca. Antes de entender as dimensões extrínseca e intrínseca da mediação, é importante explorar a definição supracitada. Ela articula conceitos chave, como “interferência”, “profissional da informação”, “apropriação da informação” e “necessidade informacional”. Além disso, revela algumas classificações de mediação, como a que distingue a mediação direta da indireta, entre outras. Portanto, apesar de se apresentar em poucas palavras, o conceito é denso e exige uma breve reflexão sobre todos os seus componentes para ser, realmente, compreendido.

Ao invés de isolar a informação, como elemento autossuficiente e completamente objetivo, prefere-se conjugar o conceito de informação com o de mediação, pois com base na teoria vigotskiana, acreditamos que a informação sempre é mediada. Para Vygotsky (1998), a mediação interfere ou modifica as operações psicológicas ampliando e amadurecendo as atividades históricas, culturais, sociais e psicológicas do ser, o que implica dizer que a combinação entre o instrumento mediador e o resultado promovido na atividade psicológica do humano converge em uma função psicológica superior. Em suma, a mediação na teoria sócio-histórica de Vygotsky contribui para os processos de apropriação e aprendizagem do indivíduo por meio das interações e internalizações.

Considerando que a mediação atua na relação entre quem percebe e o que é percebido, é possível afirmar que toda experiência humana é mediada. A origem dessa mediação, conforme Sirgado (1991) está na cultura. Desse modo, a percepção humana sobre a realidade é influenciada por um sistema de representações culturalmente construídas.

Assim, mesmo quando não há pessoas para exercer a função de mediador, a informação é mediada pelos sentidos ou pela própria cultura. Portanto, Almeida Júnior (2009) prefere chamar a informação isolada, *a priori*, de *protoinformação*. A informação propriamente dita se concretiza apenas na relação entre usuário e suporte, se construindo e reconstruindo de maneira cíclica (ALMEIDA JÚNIOR, 2015b).

Para Oliveira *et al.* (2018, p. 58) “um ambiente mediador caracteriza-se pelo trabalho realizado entre mediação implícita e explícita, ou seja, ambas se complementam a partir do momento em que são usadas conscientemente, desde o planejamento e estruturação, até os serviços e atividades executadas.”

Assim, revela-se a importância de o mediador, sendo responsável por explorar o universo informacional a fim de organizar, armazenar e preparar as informações para que

possam ser recuperadas. Na Ciência da Informação, o mediador é o bibliotecário, o arquivista e o museólogo e eles precisam atuar em todos os espaços, físicos ou não, pelos quais a informação circula, a fim de cumprir seu papel. Como a informação não está presa em um espaço fisicamente delimitado é importante que a mediação e o mediador também não estejam.

O cumprimento do papel do mediador está diretamente vinculado com a ideia de necessidade do usuário. A informação causa conflito, pois quando ele entra em contato com ela, passa a atribuir significados, que se mistura com os que ele originalmente carregava. É nesse processo que a informação, propriamente dita, se constrói. A necessidade informacional tem como causa as informações com as quais o usuário tem contato, pois elas exigem novas posições. A solução desse conflito, bem como os caminhos para encontrar informação, constitui uma necessidade informacional.

Segundo Almeida Júnior (2015b), elas não provêm puramente de interesses individuais, mas de uma mesclagem de interesses interindividuais. Uma consequência disso é a impossibilidade de se identificar, isolar e satisfazer uma necessidade. As necessidades estão entrelaçadas e, no momento da satisfação, possivelmente surgirão novas incertezas. O movimento de apropriação da informação pelo sujeito informacional tende a levá-lo a ampliar horizontes cognitivos e emocionais. Para apropriação consciente, Bortolin (2010) atribui a expressão "ato de apropriação", que consiste na transformação do conhecimento pessoal por meio de uma postura ativa do usuário.

Santos Neto, Bortolin e Almeida Júnior (2017), em uma pesquisa bibliográfica que investiga o uso atual do conceito de apropriação da informação, concluem que ainda não há uma definição nitidamente explicitada e que ela é compreendida de diferentes maneiras: ora como algo pragmático, uma ocorrência transcendental, uma elaboração intelectual ou um fenômeno semiótico. Apesar disso, a apropriação pode ser constatada quando o leitor toma para si o conhecimento, apreendendo-o, e como consequência (repercussão) disso, tem seu conhecimento alterado, ressignificado, ampliado ou afetado de alguma outra maneira. Assim, Santos Neto, Bortolin e Almeida Júnior (2017, p. 14) definem "apropriação da informação" como:

[...] todo ato cotidiano realizado pelo leitor por meio da leitura com intenção de apoderar-se e atribuir significados aos conteúdos nos mais variados ambientes e suportes, com o intuito de suprir necessidades simples ou

complexas, de cunho profissional, educacional, psicológica e cultural, podendo repercutir em uma alteração no arcabouço cognitivo do cidadão, bem como na produção de sentidos.

Curiosamente, apesar de a definição demonstrar a necessidade de uma relação humana, o conceito não menciona um de seus polos, o usuário. Entretanto, os estudos que dão forma aos demais elementos do conceito acabam desenhando, com excelência, o que o usuário venha a ser. A princípio, de maneira simplista, poder-se-ia taxá-lo como polo passivo da mediação. No entanto, devido ao ato de apropriação, que é uma postura ativa do usuário, sua participação na relação não é apenas de consumidor, mas de produtor. A própria definição de informação adotada nesta discussão prenuncia a importância da atuação do usuário, visto que, antes da recepção, ela é considerada uma “quase-informação”.

Acredita-se que “mediação é toda ação de interferência”. Interferência é a intervenção do mediador na relação entre usuário e informação. Conforme Almeida Júnior (2015b) há um entendimento de que o mediador deve ser neutro e imparcial, o que não é adequado. Almeida Júnior (2009), explica que a relação entre profissional da informação e usuário envolve tanto conhecimentos conscientes quanto inconscientes, envolvendo o contexto social, político, econômico e cultural em que ambas as partes estão inseridas.

Conforme Almeida Júnior (2015a), a mediação da informação possui duas dimensões: a intrínseca e a extrínseca. A dimensão intrínseca consiste na dimensão mais prática e aplicável do conceito. Sendo inerente ao fazer, essa dimensão pode ser observada na atuação inconsciente do profissional da informação. A mediação extrínseca, por sua vez, é caracterizada pela atuação consciente do mediador, que pode ser observada em atividades mais controladas, como as de planejamento, estruturação e organização de serviços.

Isso significa que a mediação da informação inclui dois fatores fundamentais: a apropriação da informação, inerente ao processo de produção e disseminação da informação e a interferência que é intrínseca ao processo de destinação da informação ao usuário.

3.1 Mediação por Meio da Voz

Mediar literatura para qualquer idade é um ato fundamental, principalmente quando ele é realizado coletivamente, pois se torna uma contribuição enriquecedora para diferentes comunidades, grupos. Colomer (2007) comenta que a possibilidade de a criança se tornar uma leitora é duplicada ao se compartilhar contos nos seus primeiros anos de vida. Para as demais

faixas etárias, os benefícios também são incontáveis, visto que, conforme Costa (2019), a literatura permite que um indivíduo se coloque no lugar do outro, criando relações de proximidade e de identificação, o que é um papel importante na construção de uma sociedade empática.

Como observado na seção referente a literatura oral, a voz possui uma força que não pode ser encontrada na escrita (ONG, 1998). Antes de entender a dimensão simbólica desta potência nas relações interpessoais, é válido investigar como ela funciona fisicamente. Como a literatura sobre as propriedades acústicas do som e o funcionamento fisiológico da fala é muito técnica e extensa, traçar-se-ão, nos próximos parágrafos, apenas os aspectos físicos gerais da voz.

A princípio, o som nada mais é que uma perturbação no meio pelo qual propaga, criando zonas de alta e baixa pressão, que são denominadas vibrações. Quando ele se alastra pelo ar, por exemplo, cria zonas de ar comprimido e de ar rarefeito. A presença de zonas com maior e menor densidade de algo é a característica principal de uma *onda longitudinal*, sendo justamente essa a definição de som (FERNANDES, 2002).

Essa onda possui quatro parâmetros básicos: *altura*, *intensidade*, *duração* e *timbre*. A *altura* é o que distingue o quão agudo ou o quão grave é um som, o que é determinado pela frequência em que a onda vibra. A intensidade é o que distingue um som forte de um som fraco, ou seja, é ela que determina o "volume" de um som, que é definido pela amplitude da onda. A *duração* é simplesmente o tempo que transcorre desde o início até o fim dessas vibrações. O *timbre*, último parâmetro, é o que permite reconhecer a origem do som, ou seja, ele faz, por exemplo, com que uma nota musical tocada por um piano seja distinguível de uma nota idêntica tocada por outro instrumento musical.

O som produzido pela voz possui esses parâmetros, porém ela principia com um simples sopro. Durante o processo de respiração, o ar que sai do pulmão sobe pela traqueia, atravessa a laringe e escapa pela boca ou nariz. No entanto, quando o narrador se prepara para falar, algo especial acontece na laringe: a fonação. (MELO, 1990). Este processo que difere respiração de fala e seu produto é chamado de *sopro sonorizado*. Nesse momento a voz ganha uma *altura*, *duração* e *intensidade* o que pode ser verificado ao se emitir sons graves e agudos, fortes e fracos, longos e curtos. Assim, é com o sistema fonatório que diferentes personagens ganham vida.

A modulação vocal é, portanto, um recurso poderoso a ser utilizado na narrativa oral, em especial, na mediação oral da informação literária, que é um assunto pouco explorado na Ciência da Informação, porque essa área está mais preocupada com a informação escrita e impressa. Poucos pesquisadores têm, por exemplo, as fontes orais como tema de investigação. Acredita-se que essa situação poderá ser alterada na medida em que há um movimento ascendente do uso das hipermídias e os textos multimodais.

Os textos que são produzidos e circulam na internet estão mais carregados de significados pela sua característica hipertextual e exigem do leitor uma postura mais reflexiva e crítica, que o conduza para uma maior compreensão dos textos eletrônicos, impressos, animados, estáticos, com ou sem som, coloridos etc. Tratam-se, portanto, de textos ricamente multissemióticos e/ou multimodais. Dionísio (2011) define multimodalidade como hibridização de materiais semióticos na elaboração de textos. Este autor chama atenção ainda para o fato de que a multimodalidade se encontra presente em textos orais e escritos “quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc...” (DIONÍSIO, 2011, p.139). Sobre textos multimodais, Rojo (2021) afirma:

Esses “novos escritos”, obviamente, dão lugar a novos gêneros discursivos, quase diariamente: chats, páginas, tweets, posts, ezines, funclips etc. E isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de “leitura-escrita”, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemiose (multiplicidade de semioses ou linguagens), ou multimodalidade. São modos de significar e configurações que se valem das possibilidades hipertextuais, multimidiáticas e hipermidiáticas do texto eletrônico e que trazem novas feições para o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso colocá-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam ou impregnam (ROJO, 2021, p. 1).

Marcuschi e Dionísio (2007) argumentam que as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos e tanto fala como escrita apresentam suas variações, salientando que a escrita não é critério para categorizar línguas/culturas em mais ou menos primitiva “não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita [...]”, pois “[...] ambas têm um papel importante a cumprir e não competem” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 15). Consequentemente, tanto escrita quanto oralidade possuem graus de formalidade e

informalidade, mantém graus de amplitude e heterogeneidade e são ambas suscetíveis a investimentos ideológicos.

Quanto à ênfase até aqui atribuída à voz, na teoria zumthoriana os elementos performáticos não agem independentemente, mas estão integrados. Isso dificulta o isolamento das "variáveis" da *performance* para uma análise separada, sendo importante ressaltar que essa abordagem nem mesmo é encorajada. Corroborando com essa inferência, Bortolin (2010) explica que a preocupação da mediação oral não está focada apenas nos parâmetros físicos da voz, mas também na sua qualidade simbólica que é oriunda do posicionamento do corpo.

De acordo com Bortolin (2010), a oralidade não se resume à voz, gestos e olhares também fazem parte da *performance* que leva o leitor-ouvinte a desfrutar da obra interpretada pelo leitor-narrador. Se essa interpretação fosse puramente auditiva, sem que o intérprete estivesse no campo visual do público, a recepção seria consideravelmente diferente.

Através de gestos, o contador pode reger o andamento da narrativa, sincronizando o ritmo cronal da fala com o deslocamento do corpo pelo espaço ou com o movimento das mãos. Ele pode, também, provocar reações no leitor-ouvinte, seja apontando para o infinito a fim de conduzi-lo a refletir, ou apontando, de repente, para um animal rasteiro assustando-o e motivando a levantar os pés, como exemplifica Bortolin (2010).

Por meio de expressões faciais, é possível transmitir emoções sem necessidade de empregar palavras. Quando combinadas com palavras, porém, essas expressões aumentam a intensidade e o realismo da narrativa. Ao descrever um lobo mau, uma expressão facial neutra não é tão eficiente quanto uma expressão aterrorizante, com olhos arregalados. Por outro lado, uma expressão exagerada pode alterar o comportamento do leitor-ouvinte que em vez de ficar com a sensação de medo, agora sente empatia em relação ao narrador assustado. Enfim, uma expressão alegre quebraria o encantamento da descrição do lobo.

Além da voz e do corpo, também compõem a *performance* o espaço e a presença. O espaço é o ambiente onde ocorre a mediação oral, sendo marcado pela participação de todos envolvidos na *performance*. Nesse local, que Bortolin (2010) chama de *oralisfera*, é desconstruída a ideia de que a informação parte de quem fala para ser unilateralmente recebida por quem ouve. Nela, narrador e ouvinte são leitores e eles se relacionam em um "fluído gasoso" que constitui uma ambiência de interatividade. Isso faz com que os atores da

mediação oral da literatura sejam o leitor-narrador e o leitor-ouvinte, ambos participantes ativos do processo performático.

Reforçando as palavras de Bortolin (2010), a concretização da voz e do corpo na *oralisfera*, com essa leitura interativa propiciando a *performance* textual, é chamada de presença. Busatto (2006) explica que a narração ocorre em um tempo presente e em um corpo presente, com simultaneidade entre as ações do narrador e as reações do ouvinte. Essa qualidade pode ser intuitivamente conferida ao se pensar na expressão “presença de palco”, que muitos artistas são elogiados por ter. Zumthor (2007) distingue essa presença, ao vivo e a cores, cuja *performance* ele chama de *completa*, daquela com deslocamento temporal e espacial, na qual a voz é midiaticizada, como ocorre no rádio, cuja *performance* ele chama de *parcialmente plena*. O autor ainda contempla a presença do autor durante a leitura de um texto, em uma *performance em grau próximo do zero*. Isso mostra que a presença não se resume à constatação física de algo em um momento, mas que ela se abstrai, podendo não ser física e não estar presa a um determinado momento.

A nova perspectiva, mencionada na introdução, consiste na midiaticização dessa oralidade, mas não da maneira que o próprio Zumthor havia previsto, com uma voz atemporal proferida por um rádio sem a possibilidade de interação por parte de quem ouve, mas com uma voz fragmentada em múltiplas mídias e presente em todas elas, de tal maneira que o leitor-ouvinte possui diversas interfaces para reagir à ação do leitor-narrador.

Diariamente acontece nos meios de comunicação entrevistas realizadas ao vivo, com a interação dos participantes, que fazem perguntas e comentários por escrito e que, lidos no microfone pelo entrevistador, se tornam textos orais e são apresentados ao entrevistado; que por sua vez produz uma resposta ou complemento oral. Há também em inúmeros jornais *online* no canto superior, além do texto escrito uma versão em áudio.

Assim, a narrativa passou pela oralidade primária (contação de história das sociedades pré-letradas), pela oralidade secundária em todas as suas fases (quirografia, tipografia e escrita digital) e agora alcança um patamar novo: o da hipermídia. Scolari (2009) define "narrativa transmidiática" como uma estrutura que se expande tanto em linguagens (verbais, icônicas e textuais) quanto em mídias (televisão, rádio *etc.*). Essa expansão ocorre de tal maneira que, ao ler apenas em um suporte, tem-se meramente um pedaço da história, cujos fragmentos convergem para a narrativa completa.

Jenkins (2009) define convergência como o "fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos". Em cada suporte, o leitor-ouvinte tem a oportunidade de interagir com o leitor-narrador de maneiras diferentes, causando repercussões na história contada. Essa interação nem sempre possui uma sincronia temporal, visto que comentários novos dirigidos a obras audiovisuais antigas (ou fragmentos antigos da obra em série) podem atingir o leitor-narrador.

O suporte mais comum é o audiovisual, devido à existência de *vlogs*, que Burgess e Green (2009) explicam serem diários *online* em forma de vídeo. Dependendo do tipo de obra transmidiática, o leitor-ouvinte pode interagir escrevendo comentários na plataforma que hospeda o vídeo, grava seus próprios como resposta, preparando ilustrações (ou *memes*, que têm sido um meio de comunicação muito forte nesse final da década de 2010, especialmente com o fortalecimento da plataforma "Reddit") e até mesmo com encontros presenciais, visto que muitas pessoas cumprindo o papel de leitor-narrador não escondem sua localização física e até mesmo organizam encontros com sua audiência.

Ademais, essa fusão entre mediação oral e textual, presencial e distante, temporal e atemporal revela uma nova oralidade, que não é primária nem secundária. A última etapa da oralidade secundária prevista por Ong (1998) é da palavra escrita no mundo digital, porém o que mais aparece na narrativa transmidiática é a voz midiaticizada, mas de uma maneira especial: aguardando ansiosamente por interação.

Devido a serviços de *Voice Over Internet Protocol* (VOIP), que permitem conversas e videoconferências em tempo real e com diversos participantes, tem-se reduzido a necessidade de interação por escrito na Web. Sherr (2019) relata que o aplicativo de VOIP "Discord" atingiu, em 2019, 250 milhões de usuários, muitos dos quais são comunidades de *youtubers*, *podcasters* e *gamers*, segmentos de internautas que se dedicam a diversas modalidades de narrativas, desde aquelas que envolvem histórias reais até o *roleplaying* (atuação em histórias fictícias). Os oradores dessas comunidades, diferentemente dos locutores de rádio, aguardam uma reação para cada palavra proferida.

Como consequência dessa preferência para comunicação falada, tem-se instaurado um "retorno" à oralidade primária, com a transfiguração da linguagem escrita para imitar como as palavras são vocalizadas e para produzir neologismos que muitas vezes não têm tradução literal, mas possuem um sentido sonoro, expressando ideias que não são facilmente condensadas em palavras. Essa transfiguração da linguagem escrita até mesmo pode

dispensar o significado que a palavra teria ao ser lida, abrindo caminho para o que a disposição das letras ou signos insinua. Como exemplo disso, pode-se mencionar os *emojis* (ícones formados com signos renderizáveis pelo computador), como o "XD" que representa uma face "rindo alto", ou os *shorts* (abreviaturas de palavras, expressões comuns e frases), como "lol", que também representa a expressão "rindo alto" (*laughing out loud*).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas têm o foco na mediação da literatura por meio da voz. Para entender as dimensões *literal* e *oral*, foram elencados pontos importantes da teoria de Walter Ong, bem como de Paul Zumthor e de alguns autores que explicam o funcionamento da fala. Essas considerações são necessárias, pois definem fronteiras que visam diferenciar e limitar o campo de ação do oral e do escrito. Nesse sentido, a linguagem oral apresenta mais recursos em termos de expressividade, mesmo quando ocorre por intermédio de um suporte aparentemente efêmero como a *performance* e a vocalidade. Entretanto, essa efemeridade se dilui graças à faculdade dos mecanismos de resistência das narrativas orais (antiguidade, persistência, anonimato da autoria e oralidade), tornando-se reiterável em seu processo comunicativo. É assim que a Literatura Oral se mantém e se propaga pelo mundo, variando conforme os ambientes, as ocasiões e as culturas.

As narrativas da tradição oral se conservaram ao longo do tempo, seja porque são ainda transmitidas pela oralidade, seja porque foram registradas nos textos escritos, gravados, filmes e desenhos, ou porque traços dessas narrativas são incorporados nos gêneros narrativos nos dias de hoje. As tecnologias digitais ampliaram as possibilidades de escrita proporcionando mesclagem de linguagens na formação de textos e já não se pode desconsiderar a multimodalidade, tratando a leitura e escrita apenas como decodificação da língua. É preciso pensar esses processos como ações planejadas e articuladas para entender determinados propósitos discursivos.

Este texto também destaca a importância do mediador de leitura e do uso de sua voz como expressão performática de um universo em processo de interação social e sua interferência no circuito comunicativo. Como desdobramento deste artigo, deseja-se contribuir no desenvolvimento do ato de ler para todos os indivíduos que precisem alcançar essa autonomia em qualquer espaço (físico ou virtual), e em qualquer suporte. Processo que se acredita ser facilitado pela ação de um performer, capaz de auxiliar na busca de caminhos

para suscitar o prazer no ato de ler e a capacidade de pensar a condição do leitor na relação sujeito/objeto da literatura e do mundo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007770&dd1=36548>. Acesso em: 2 out. 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Mediação da informação: dimensões**. 2015a. Disponível em: https://ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=939. Acesso em: 15 jan. 2020.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.) **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015b. p. 9-32.

BORTOLIN, S. **Mediação Oral da Literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 233f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf. Acesso em: 8 out. 2019.

BURGUESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

BUSATTO, C. **A Arte de Contar Histórias no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, A. C. C. **Mediação oral da literatura para bebês**. 114f. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000228923>. Acesso em: 11 mar. 2021.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DIONISIO, A. P. Gêneros Textuais e Multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FERNANDES, F. A. G. **Entre histórias e tererés: o ouvir da literatura pantaneira**. São Paulo: Unesp, 2002.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade no contexto dos usos linguísticos: caracterizando a fala. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Apresentação. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MELO, E. B. S. **Voz falada**: estudo, avaliação e tratamento. Rio de Janeiro/São Paulo: Atheneu, 1990.

OLIVEIRA, H. C. C. *et al.* A teoria dos jogos e a mediação da informação: uma proposta de contribuição estratégica para organizações. **Biblios** [online], n. 73, p. 51-64, 2018. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/330893006_A_teor%C3%ADa_dos_jogos_e_a_mediac%C3%A3o_da_informac%C3%A3o_uma_proposta_de_contribuic%C3%A3o_estrat%C3%A9gica_para_organizac%C3%B5es. Acesso em: 3 nov. 2020.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998.

ROJO, R. Textos Multimodais. Glossário Ceale. Disponível em:

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em 30 mar. 2021.

SANTOS NETO, J. A.; BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A concepção de apropriação da informação nos periódicos da área "comunicação e informação" e anais do ENANCIB. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 18., 2017, Marília. **Anais [...]** Marília: ANICB/UNESP, 2017. Disponível em:

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/546/688>. Acesso em: 9 nov. 2019.

SCOLARI, C. A. **Hipermediaciones**: elementos para uma teoria de la comunicaci3n digital interactiva. Barcelona: Editorial Gedisa, 2009.

SHERR, I. **Discord, slack for gamers, top 250 million registered users**. 2019. Disponível em: <https://www.cnet.com/news/discord-slack-for-gamers-hits-its-fourth-year-at-250-million-registered-users>. Acesso em: 4 nov. 2019.

SIRGADO, A. P. O Conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Caderno CEDES**, Campinas, s/v, n. 24, p. 38-51, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.